

## RECEPÇÃO PEDAGÓGICA E ANTROPOLÓGICA DA LEITURA EM CONTEXTO AMAZÔNICO

*Pedagogical and anthropological reception of the reading  
in amazon context*

*Recepción pedagógica y antropológica de la lectura en el  
contexto amazónico*

Tiese Rodrigues Teixeira Júnior 

### RESUMO

Este artigo reflete sobre a recepção pedagógica e antropológica da leitura, a partir de um *corpus* extraído das falas de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste, acerca das oficinas didáticas da leitura realizadas nos anos de 2022 e 2023 nas cidades de Marabá e de Itupiranga, no Pará. O objetivo geral é refletir sobre os sentidos produzidos pelos sujeitos sociais participantes. A metodologia é qualitativa e a rede teórica dialoga com a antropologia da leitura em Petit (2008) e leitura pedagógica dialógica em Moura (2020). Os sentidos construídos pelas vozes analisadas aqui indicam que as oficinas de leitura contribuem com o acesso a livros, reflexão crítica sobre a realidade vivida, experiências com práticas de leitura, trabalho pedagógico e formação docente.

**Palavras- chave:** Leitura; Pedagogia; Antropologia; Amazônia.

### ABSTRACT

*This article reflects on the pedagogical and anthropological reception of reading, based on a corpus extracted from the speeches of students on the Pedagogy course at the Federal University of the South and Southeast, about the didactic reading workshops held in the years 2022 and 2023 in the cities of Marabá and Itupiranga, in Pará. The general objective is to reflect on the meanings produced by the participating social subjects. The methodology is qualitative and the theoretical network dialogues with the anthropology of reading in Petit (2008) and dialogical pedagogical reading in Moura (2020). The meanings constructed by the voices analyzed here indicate that reading workshops contribute to access to books, critical reflection on*

*lived reality, experiences with reading practices, pedagogical work and teacher training.*

**Keywords:** Reading. Pedagogy; Antropology; Amazon.

## RESUMEN

*Este artículo refleja sobre la recepción pedagógica y antropológica de la lectura, a partir de un corpus extraído de los discursos de estudiantes del curso de Pedagogía de la Universidad Federal del Sur y Sudeste, acerca de los talleres didácticos de la lección realizados en los años 2022 y 2023 en las ciudades de Marabá y de Itupiranga, en el Pará. El objetivo general es reflexionar sobre los sentidos producidos por los sujetos sociales participantes. La metodología es cualitativa y la red teórica dialoga con la antropología de la lectura en Petit (2008) y lectura pedagógica dialógica en Moura (2020). Los sentidos construidos por las voces analizadas aquí indican que los talleres de lectura contribuyen con el acceso a libros, reflexión crítica sobre la realidad vivida, experiencias con prácticas de lectura, trabajo pedagógico y formación docente.*

**Palabras clave:** Lectura; Pedagogía; Antropología; Amazonia.

---

## Introdução

Nos anos de 2022 e 2023, a Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa, realizou no curso de Pedagogia as oficinas didáticas da leitura em contexto amazônico, uma ação de formação de professores leitores em âmbito local. Este artigo trata deste universo e seu objetivo geral é refletir sobre a recepção e os sentidos pedagógicos e antropológicos construídos pelos participantes da referida ação.

A necessidade de compreensão dos fenômenos de leitura, neste caso na Amazônia paraense, tem exigido reflexões amplas considerando múltiplas possibilidades interpretativas. Perspectivas históricas, sociológicas, antropológicas, linguísticas e pedagógicas quando se cruzam podem oferecer maiores inteligibilidades desses processos e de suas dimensões, como: currículo, formação de professores leitores, estratégias de leitura na escola básica, construção de sentido, estudos de acervos de bibliotecas e salas de leitura, teorias da leitura entre outros. (Teixeira Júnior, 2020; Luz, 2023; Lima, 2023).

Ao tratar aqui da recepção da leitura, pretendemos olhá-la em movimento, desfocada do livro e centrada no leitor e sua caminhada no processo da prática

da leitura e os efeitos, ou sentidos, que ela lhe causa. Essa observação pedagógica e antropológica pode ajudar a entender o desenvolvimento da leitura na escola básica amazônica, através de outras construções teóricas e interpretativas. (Petit, 2008; Moura, 2020).

Nos filiamos à noção de leitura pedagógica dialógica (Moura 2020), considerando a leitura como possibilidade de construção de sentido em que o leitor questiona, opina, discorda, cria, recriar e constrói sua identidade tendo o diálogo como base. A antropologia da leitura, por sua vez, nos ajuda a pensar o leitor como o indivíduo que ao ler altera os sentidos do lido e é alterado por aquilo que lê (Petit, 2008). Do ponto de vista teórico, o trabalho faz uso das noções de antropologia da leitura (Petit, 2008) e leitura pedagógica dialógica (Moura, 2020). O objeto de análise são falas de estudantes participantes das oficinas didáticas da leitura. As seções deste trabalho são: introdução, aspectos teóricos e metodológicos, análises e resultados e considerações finais.

## **Aspectos teóricos e metodológicos**

Considerar aspectos antropológicos em práticas de leitura, é tentar ampliar as possibilidades interpretativas deste objeto polissêmico e desafiador para as análises científicas. É pensar os efeitos da leitura em crianças, jovens e adultos nos mais diversos contextos humanos. Os aspectos da recepção antropológica da leitura têm nas pesquisas de Petit (2008), fundamentos conceituais importantes, por exemplo, a leitura como fuga da realidade entre os jovens. Se, no começo, a leitura era uma atividade com o objetivo de “enredar as pessoas”, tornou-se com o tempo, “um gesto de afirmação de singularidade” (Petit, 2008, p. 28).

Em um mundo de lugares predeterminados, vidas estáticas e tentativas de controle de uns sobre os outros, a leitura pode se apresentar como uma forma de escapar de tempos, espaços e realidades indesejadas. Há, locais, em que o cotidiano não é favorável ao desenvolvimento intelectual e se quer aponta para esses horizontes. As realidades sociais que cercam os indivíduos, por exemplo, nas periferias das cidades ou nos campos, os obrigam, por vezes, a buscarem fugas das vidas impostas para a construção dos sonhos negados (Petit, 2008).

Diz ela,

Esse espaço íntimo aberto pela leitura não é apenas uma ilusão ou uma válvula de escape. Às vezes pode ser: nós nos consolamos das vidas, dos amores, que não vivemos, com as histórias dos outros. Mas é sobretudo uma fuga para um lugar em que não se depende dos outros, quando tudo parece estar fechado. Isso nos dá a ideia que é possível uma alternativa. (Petit, 2008, p. 40).

Trazer neste trabalho a perspectiva da antropologia da leitura é um esforço, também, para refletir sobre opinião e interpretação de leitores, contato do leitor com livros, prazer estético e experiência com leitura, adentrando, portanto, na subjetividade dos indivíduos. Entre as recepções antropológicas vividas pelo leitor, Petit (2008) aponta, por exemplo, aquela que o tira da sua realidade sócio-histórica e o afasta do mundo que o rodeia, e, outra, que o leva para o plano da literatura e todo o prazer advindo da leitura.

A antropologia atribui à leitura um trabalho feito com o leitor. Ler permite acessar experiências e nesse processo a palavra pode construir caminhos para autoleitura e localização de espaço no mundo. Outra questão problematiza pelo trabalho da leitura é o questionamento sobre leitura útil ou ação feita por prazer. Neste aspecto diz Petit,

Ler permite ao leitor, às vezes, decifrar, sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor. (...) A leitura “trabalha” o leitor Estamos longe das divisões estabelecidas que opõem, por exemplo, os partidários da leitura “utilitária” aos da leitura de entretenimento. Quando encontro palavras que me perturbam porque permitem expressar o que tenho de mais íntimo, assumo que isso é algo “útil” ou é um “prazer”? (Petit, 2008, p. 38, 39).

A leitura pode ajudar na construção de sentidos ou na reelaboração destes. Um texto pode quebrar estereótipos, renovar a linguagem, falar das contradições, dos medos e da “parte obscura do coração humano”. Neste debate, o significado é interpretado como um “movimento, uma disposição” para acolher algo. Mas, tal movimento só pode acontecer se o leitor tiver acesso ao livro e isso nem todos tem, por exemplo, jovens pobres tem menos experiências com leitura.

Dito de outra forma,

Eu gostaria de insistir que a leitura de obras literárias, quando representa uma experiência singular, não é uma afetação.

Infelizmente os pobres são privados na maior parte do tempo, dessa experiência, pois não tem acesso aos livros, ou só têm acesso a alguns livros: dizem que outros não são para eles. (Petit, 2008, p. 42).

A experiência com leitura apresenta amplitudes variadas. O leitor pode ter acesso a muitos livros, poucos livros, livros novos, usado ou apenas textos. Como a palavra vai trabalhar com esse leitor é algo impossível de mensurar. A transformação advinda da palavra pode acontecer de imediato, muito tempo depois ou nem acontecer. Há leitores que tem acesso aos mais variados livros e nunca são tocados por seu conteúdo. Outros procuram nos livros apenas modos de impressionar outras pessoas.

Sobre a recepção da leitura e aspectos históricos, Petit menciona o papel da palavra em contextos de dores, diz ela,

Lembremos do papel que as palavras representaram para tantas pessoas, nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial. Ou, para outros, em campos stalinistas. De maneira mais geral, gostaria de dizer que talvez não exista exclusão pior que a de ser privado de palavras para dar sentido ao que vivemos. (Petit, 2008, p. 42).

A reflexão sobre exclusão da palavra nos remete às teorizações de sociologia da linguagem da intelectual brasileira Magda Soares (2020), que na obra *Linguagem e escola: Uma perspectiva social* chama a atenção para o preconceito linguístico e as questões sociopolíticas que atravessam a aquisição da palavra por estudantes da escola básica brasileira. Refletindo sobre as causas do fracasso escolar, a autora aponta as diferenças de classe social e os elementos políticos e ideológicos como responsáveis pela privação do acesso à língua materna e o fracasso das camadas populares na escola.

Neste sentido diz Soares,

A análise sociológica das relações entre escola e sociedade e das relações linguísticas numa sociedade de classes e numa escola que serve a esta sociedade, mostra ser inadmissível deixar de vincular o ensino da língua materna às condições sociais e econômicas de uma sociedade dividida em classes. (Soares, 2020, p. 121).

Ainda que Petit (2008) não construa seu argumento central com este enfoque, falar em jovens franceses de periferia, pobres que não tem acesso a todos os livros que gostariam acaba por tocar em desigualdades sociais e de negação de acesso à palavra. Isso carrega teores políticos, ideológicos e econômicos. Sobre as privações impostas pela pobreza, não poder acessar bens materiais e culturais representa o impedimento da participação social. O livro como um objeto cultural pode agir na criação de elos, extrapolação de fronteiras e ampliação do espaço íntimo humano. A negação ao seu acesso é a exclusão dos vínculos comunitários e sociais.

Pois,

A pobreza material é temível porque priva a pessoa não apenas dos bens de consumo que tornam a vida menos dura, (...) mas também dos bens culturais que conferem dignidade, compreensão de si mesmo e do mundo, poesia; e priva ainda das trocas que são realizadas em torno desses bens. (Petit, 2008, p. 42).

Falar em recepção da leitura pelo viés antropológico é reconhecer que o ato de ler é um movimento de se universalizar, no seu mundo e em outros mundos. Neste âmbito, por exemplo, o compartilhamento permite que uma pessoa se torne parte de um coletivo. Ler é abrir-se para si e para o outro em sociabilidades possibilitando o acesso a experiências íntimas e transformadoras.

Outro aporte teórico deste trabalho, é a leitura pedagógica dialógica (Moura, 2020). Neste quadro é válido pontuar, primeiramente, o que se considera leitura pedagógica e leitura estética ou poética. Moura (2020), em trabalho sobre a literatura infantil, destaca que esta tem uma dupla face, é um objeto de arte e um objeto de educação. Como objeto de educação a literatura pode ser trabalhada dentro de duas perspectivas: a leitura pedagógica e a leitura pedagógica dialógica.

No primeiro caso, objeto de arte com valor estético, o livro e as formas de interpretá-los precisam ser adequados à criança e essa adequação é tarefa da pedagogia através de estratégias de leitura. Destacando que o livro é portador de “valores sociais”, e o processo de aprendizagem precisa ser adequado ao seu leitor. Assim,

A arte literária é uma atividade complexa e não natural ao universo da infância, e a Pedagogia, nesse caso, que está assentada em fases sequenciais e evolutivas, prevendo uma

aprendizagem gradual, linear e contínua, deve facilitar a inserção da arte literária no contexto escolar, criar estratégias para concretizar, ao nível da compreensão infantil, um alto repertório como o estético. (Moura, 2020, p. 19).

O livro, assim, possui duas funções: uma estética e uma pedagógica. A estética é responsável pelo estímulo da “imaginação, da inteligência e da sensibilidade” (Moura, 2020, p.19). A outra, é a função pedagógica, da qual deriva a leitura pedagógica, que na maioria das vezes atribui a esta ação um valor utilitário voltado à constituição de “hábitos linguísticos e comportamentais”. Essa finalidade pragmática da literatura e da leitura, se revela uma atividade comprometida com a dominação e o adestramento da criança leitora. Essa lógica de prática da leitura se espraia para jovens e adultos que não encontram espaços de diálogos nas ações de leitura realizadas em muitas escolas.

O estudo de Moura (2020) foca suas análises no universo da literatura e leitura infantil, mas os horizontes destacados valem para pensarmos esta atividade de forma ampliada para todos os segmentos da educação básica. Isto fica claro no exemplo,

Em muitas escolas o uso da literatura infantil está restrito ao serviço do processo de manipulação da criança, cumprindo o papel de transmissor de conhecimento conforme a visão do adulto. Muitas vezes o professor, figura dominante, utiliza a literatura infantil para transmitir normas de obediência e bom comportamento (...) e regras gramaticais. (Moura, 2020, p. 19).

Esta citação parece dar conta de exemplificar, em alguma medida, a prática da leitura em boa parte da escola básica brasileira. O objetivo utilitarista e de ensino da língua materna, através da gramática e suas regras ainda é predominante. A presença do professor como o único conhecedor das semânticas da obra lida, leitura *parafrástica*, Orlandi (2012), é a marca principal do modelo de prática de leitura vigente em muitos espaços pedagógicos.

Na contramão dessa proposta, Moura (2020) analisa as possibilidades e a natureza da leitura pedagógica dialógica. Na base desta proposta estão o diálogo e a reflexão. Tratar dessa possibilidade é fazer um deslocamento da prática docente pois,

Uma situação dialógica é aquela em que a criança fala, opina, questiona, ouve, discute, argumenta, confronta, outras ideias e reelabora o seu pensar, construindo, assim, sua identidade. (Moura, 2020, p. 22).

A leitura pedagógica dialógica, então, é constituída por “situações dialógicas”, que constituem outras didáticas da leitura onde o leitor age de forma ativa no espaço da sala de aula. Um leitor ativo para a antropologia da leitura é aquele que é afetado por aquilo que lê, reflete sobre o lido e propõe outros caminhos interpretativos do texto e da palavra. A problematização das questões sociais se faz presente nesta didática da leitura, como uma forma de construção do senso crítico do leitor (Petit, 2008).

A leitura pedagógica dialógica não abre mão do valor estético do livro, pois, a arte literária é um elemento importante no desenvolvimento da criatividade e da imaginação. A leitura quando impulsionada para uma postura crítica perante a realidade, considerando o valor artístico presente no livro, trabalha em duplo sentido- ético e estético- pois, o papel pedagógico da leitura: a dúvida, o debate, a opinião crítica, a argumentação não pode excluir sua dimensão de fantasia, invenção e possibilidades de tornar para o leitor tudo possível e real, afinal, “vassoura que vira cavalo, boneco que vira criança” diz respeito à função estética do livro e da leitura, que pode ser vivenciada por qualquer leitor (Moura, 2020).

Essa perspectiva estética da leitura, dialoga com o que já foi mencionado aqui sobre a leitura como fuga para outras realidades, tempos e espaços. No caso de Petit (2008), as análises convergem para a juventude, já em Moura (2020), para o universo infantil. Defendemos que se trata dos mesmos princípios antropológicos de recepção da leitura. As experiências são apenas adequadas ao universo dos leitores. A dimensão da fantasia, da imaginação, da busca por outras formas de estar e de se relacionar com o mundo a sua volta ignora idade, classe social, gênero etc. A construção da subjetividade dependerá da singularidade de cada leitor em sua relação com a leitura seja na palavra, no texto ou no livro.

Na seção a seguir, será analisado um *corpus* extraído das falas dos estudantes do curso de Pedagogia da Unifesspa, que participaram das oficinas didáticas da leitura, ações que objetivam ajudar na formação de professores leitores na região sudeste do Pará. A intenção é destacar as recepções pedagógicas e antropológicas presentes nos sentidos construídos pelos estudantes sobre as oficinas.

## **Análises de resultados**

As oficinas didáticas da leitura são ações de formação de professores leitores realizadas no curso de Pedagogia, no âmbito do projeto de extensão didáticas da leitura e da escrita em contexto amazônico, da Faculdade de Ciências da Educação da Unifesspa. As oficinas aconteceram nos anos de 2022 e 2023, nas cidades de Marabá e Itupiranga, sudeste do Pará.

Com carga horária de 10h, as oficinas oferecem aos participantes a oportunidade de ter acesso a um acervo com 80 obras literárias, onde cada leitor pode escolher o livro que mais lhe interessar para realizar a leitura. A oficina tem três momentos. No primeiro, o leitor escolhe o livro e faz a leitura, no segundo, constrói um produto pedagógico, como um cartaz com as partes da leitura que mais chamaram a sua atenção, e, por fim, faz a socialização da obra lida para os demais participantes da oficina e escreve um texto com suas impressões sobre a experiência. O número de alunos varia de 20 a 32 em cada oficina. Em dois anos foram realizadas sete oficinas.

O acervo bibliográfico está dividido em quatro grupos: 1- livros com temática antirracista e indígena; 2- livros com temática socioambiental; 3- livros com foco no gênero feminino e no último grupo, 4- livros que tratam do regional amazônico. O gênero literário das obras é poesia e prosa, no segundo caso, livros de contos. Além dos livros são disponibilizados material pedagógico para a confecção de cartazes, latas pedagógicas e literárias, gibis, painéis, varais e etc.

Com relação às obras de temática afrocentrada e indígena, destacamos os livros: Olhos d'água, insubmissas lágrimas de mulheres, poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo; o cabelo de Lelê, de Valéria Belém; contos negros, de Ruth Guimarães; o pequeno príncipe preto, de Rodrigo França; Ei você, de Dapo Adeola; Carta a Felicidade e outros poemas, de Joziane Ferreira da Silva; pequeno manual antirracista, de Djamila Ribeiro e Curupira, de Marlene Crespo. Entre as obras de temática socioambiental, destacamos: a vida não é útil, futuro ancestral e Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak; o menino do dedo verde, de Maurice Druon; a árvore generosa, de Shel Silverstein; os defensores dos rios, de Bruno Fonseca; a menina que

plantava corações, de Airton Souza; a história das crianças que plantaram um rio, de Daniel da Rocha Leite e I antologia poética do Xingu, coletânea organizada pela professora Luciana de Barros Ataíde e pelo professor Cristiano Bento da Silva.

Entre os livros com temática amazônica, destacam-se: Histórias de cobra grande e a Loira do Banheiro, de Paulo Maués Corrêa; Mairi, em a História do Ver-o-Peso, de Joecio Jojoca Lima; a menina dos olhos de arco-Íris, de Telma Cunha; uma história engatada, de Rita Melém, e a porca de bobes, de Airton Souza. No último grupo, entre outros títulos, destacamos: A menina árvore, de Daniel da Rocha Leite; quando o laço vira nó e outros poemas, de Joziane Ferreira da Silva; quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus; meu corpo minha casa, outros jeitos de usar a boca e o que o sol faz com as flores, de rupi kaur.

Nas análises a seguir, o *corpus* será identificado como estudante 1, 2,3,4, e 5. Em cada construção reflexiva, será feito um esforço de aproximação entre os sentidos construídos e como se aproximam dos referenciais teóricos aqui presentes. O universo de participantes das oficinas foi de 20 a 32 estudantes em cada edição. Ao final de cada ação foi produzido um texto escrito individualmente. Foram selecionados àqueles que mais se aproximaram da proposta deste artigo, em um total de cinco. Os trechos analisados foram retirados destes escritos.

Compreendendo a recepção da leitura como o foco dado ao leitor e como a leitura o afeta, Petit (2008) destaca o trabalho realizado sobre o leitor. Vejamos como o excerto abaixo dialoga com essas ideias,

A oficina “Didáticas da Leitura” foi uma experiência inesperadamente incrível, na minha perspectiva. Isto porque a leitura não estava presente na minha vida, assim como na vida de grande parte dos brasileiros, então foi inesperado a forma como a leitura me tocou e mudou a forma com que eu via a leitura, me fez enxergar o quanto a leitura é importante. As formas com que ela me mudou foram diversas, de modo que hoje tenho um objetivo diferente do que quero para a minha vida pessoal e profissional, pois vejo que a forma com que a leitura é inserida nas nossas vidas dita como será nossa relação com a leitura, agora, enxergo a necessidade e os benefícios de uma introdução acolhedora de leitura, onde possamos nos identificar, sentir e nos desenvolver a partir disso. Portanto, é isso o que eu desejo para o meu futuro como educadora, proporcionar que o

máximo de pessoas possam ter a experiência de se encontrar na leitura e que possamos mudar o cenário de inacessibilidade da leitura. (Estudante 1)

Os verbos mudar e tocar aparecem como condutores dos primeiros sentidos provocados pela experiência leitora. A não presença da leitura na vida pode indicar que esta participante transitou ao longo da vida em espaços que não oportunizaram o acesso aos livros. É feita uma menção ao fato de que a leitura não faz parte da vida de grande parte dos brasileiros. Este sentido dialoga com o que Petit (2008) fala sobre a pobreza e como esta impede que as pessoas tenham acesso aos bens culturais e tudo o que estes proporcionam enquanto relação social. Neste mesmo sentido, nos leva para as questões sociais e econômicas apontadas por Soares (2020), que lembra o quanto o acesso à linguagem é negado aos pobres no Brasil.

Se encontrar com a leitura e o desejo de que mais pessoas possam ter acesso a ela, é um sentido que tem a ver com a reflexão e a elaboração de subjetividades e individualidades. Destaca-se, portanto, o processo de desenvolvimento e envolvimento com a leitura. A dimensão antropológica da leitura trata, também, de observar seu movimento e como o leitor é transformado por uma ação de leitura.

Vejam os sentidos presentes na fala a seguir,

As oficinas te levam a sair da teoria e ir para prática que é algo revolucionário dentro da formação pedagógica, pois promove diversas fases do aprendizado como: concentração, observação e criatividade e o mais importante é o incentivo a sermos seres humanos reflexivos criticamente para mudança de um mundo que vive afogado nas mazelas sociais. (Estudante 2)

Os sentidos trazidos neste excerto dialogam com a recepção pedagógica da leitura e com o que Moura (2020) aponta sobre o papel da pedagogia nos processos e práticas da leitura, pois, “adequar o literário as fases do raciocínio” é a possibilidade de os valores sociais serem veiculados. Essa tarefa é da Pedagogia. As fases apontadas pela estudante 2, concentração, observação e criatividade são próprias do movimento pedagógico da oficina e suas etapas metodológicas, como já foi dito acima.

As oficinas didáticas da leitura aparecem na fala desta estudante, como um espaço em que os participantes saem da “teoria” para a “prática”. Isso pode

indicar que muito se fala em leitura, mas apenas no campo das ideias, atos de leitura, espaços em que os estudantes tenham acesso a livros e possam ler, ainda são poucos por aqui. Os sentidos trazidos por esta participante têm conexão com as teorias de Petit (2008), ao refletir sobre a pobreza e as mazelas sociais frente às práticas de leitura entre jovens da periferia francesa.

O *corpus* a seguir dialoga com a recepção pedagógica e com a importância da experiência com o livro. Dito de outra forma,

Participar da oficina foi uma experiência enriquecedora. A presença do professor foi crucial, pois direcionou as discussões teóricas de maneira elucidativa, tornando a compreensão dos conceitos mais acessível. O acesso ao livro é uma ferramenta fundamental para o profissional da educação, pois ele vai proporcionando um universo de conhecimento e estimulando a reflexão. Percebi que a oficina proporcionou um sentido de comunidade, onde cada participante se envolveu ativamente, trocando experiências e compreendendo a importância do contato da criança com a leitura. (Estudante 3)

A estudante chama a atenção para a troca da experiência. Isso remete, também, ao que nos diz Petit (2008) sobre o livro como capital cultural e as relações sociais que podem ser desenvolvidas nos grupos sociais a partir de uma leitura. O estímulo à reflexão é destacado aqui e dialoga com o que nos diz Moura (2020), sobre a importância do professor nesse processo. Aqui, elementos da leitura pedagógica dialógica, como a reflexão, a troca de experiências, o espaço para a discussão e o sentido de comunidade aparecem de forma clara.

O *corpus* a seguir toca em uma questão importante para a formação de professores leitores que são os debates sobre teorias da leitura, função pedagógica e outras possibilidades de interpretação. Sobre teorias da leitura, temos destacado os estudos de Orlandi (2012); de Soares (2020); Manguel (2021); Grazioli e colaboradores (2020) e Petit (2008).

Participar de oficinas de leitura como esta, enquanto pedagoga em formação, faz com que minha visão sobre o que é ser professora, acima de tudo, o que é ser uma professora leitora se expanda grandemente. Como muito bem foi falado durante a oficina, a leitura de professores não pode ser qualquer leitura, é preciso que se tenha uma função educativa. Daí então a importância da oficina de leitura para professores, pois é a partir da compressão do que é a leitura pedagógica, em tese e na

prática, que vamos ser capazes também de formar alunos leitores. (Estudante 4)

As reflexões acima, se voltam para a subjetividade da leitora e a faz refletir sobre o ser professora leitora. Isso tem a ver com a recepção da leitura, que foca o olhar para o leitor, nesse caso a reflexão se volta para o professor leitor. Ao afirmar que a “leitura de professores não pode ser qualquer leitura”, aponta para sentidos diversos. Um deles é o compromisso com a formação de alunos leitores.

Vejamos o que nos diz o último excerto,

A oficina de leitura trouxe enriquecimento para a minha formação docente além de ser uma ferramenta que me aproximou de forma significativa da prática docente, por meio do exercício de leitura a oficina me proporcionou colocar em prática o que aprendemos a partir do exercício da escrita. A oficina foi um momento importante por permitir conhecer acervos que abordam temas relevantes para a escola básica, e também como possibilidades de desenvolver um trabalho pedagógico por meio da leitura como uma estratégia eficiente. A oficina didática da leitura foi extremamente relevante pois a partir dela foi possível pensar atividades pedagógicas envolvendo a leitura, a gente precisa ter uma boa relação com a leitura enquanto professores e a oficina de leitura oportuniza isso de maneira prática. (Estudante 5)

“Acervos, temas, escrita e atividades pedagógicas” algumas palavras-chave que destacamos da fala desta participante. É preciso falar na importância dos acervos para o desenvolvimento de ações de leitura. Isso tem a ver com as condições materiais básicas para a leitura acontecer. Ao pontuar a relevância da oficina para a sua formação como professora e leitora são apontados diversos movimentos pedagógicos, entre os quais, a boa relação com o livro. Defendemos que a construção de gosto por leitura e afetos com livros está diretamente ligada às experiências positivas vivenciadas pelo leitor.

Sobre a recepção pedagógica dos participantes da oficina didáticas da leitura as falas trazidas neste trabalho destacam-se: a formação docente, observação, concentração, criatividade, reflexão, pensamento crítico, a leitura como estratégia de trabalho docente, a leitura pedagógica, portanto, em seu aspecto dialógico; A recepção antropológica por sua vez, se faz presente no encontro com os livros, o movimento de olhar interior, como uma reflexão sobre

si e as possibilidades de fuga, com a construção do sentimento de levar a leitura para mais pessoas e de ser professora no futuro, tendo a leitura como parceira de profissão. Construções de leitura e de leitores em movimento.

O sentimento de comunidade aparece em uma das falas acima e isso está presente nas teorizações de Petit (2008), quando a pesquisadora destaca a importância da socialização da leitura, para a construção do lugar do leitor-indivíduo no mundo.

## Considerações Finais

Consideramos que as oficinas didáticas da leitura são o que Bajard (2014) chama de sessões de mediação de leitura. Promove o encontro de leitores com livros. As obras utilizadas são adquiridas especialmente para estas atividades. Soares (2020) nos lembra que a escolha de um livro para uma ação de leitura é um ato político, por essa razão, as oficinas em tela tratam de temas que consideramos importantes para a formação de professores leitores e estudantes críticos e conhecedores dos mundos que os cercam. Antirracismo, questões socioambientais, violências de gênero e dinâmicas regionais amazônicas estão na base do acervo utilizado.

Refletir sobre recepção de leitura em solo amazônico pelo viés da antropologia da leitura e da leitura pedagógica dialógica é um convite para pensemos outras formas interpretativas do objeto leitura. Defendemos que a antropologia, a sociologia, a história, a geografia e a linguística atravessam esse objeto e precisam ser considerados nas análises.

Tratar da formação de professores leitores é uma pauta urgente em nosso país, uma vez que os desafios de aquisição da leitura e da escrita estão cada vez maiores. Em Marabá, sudeste do Pará, por exemplo, a Educação de Jovens e Adultos, EJA, tem quatro modalidades. EJA cidade, EJA campo, EJA prisional adolescente e EJA prisional adulto. Nesse universo, alfabetizar e letrar é tarefa, em muitos casos, de docentes das áreas da geografia, da história ou da matemática, que afirmam não terem formação para tal trabalho. Isso é uma face da educação local invisível, infelizmente.

Por aqui, quem trabalha na educação infantil e nas séries iniciais são pedagogos, muitas vezes, com formações iniciais frágeis em alfabetização,

letramento, teorias da linguagem e teorias da leitura entre outros aspectos das ciências da linguagem. A formação vai acontecendo, em muitos casos, na prática, quando estes chegam nas escolas. As universidades precisam rever seus currículos nestas frentes.

A importância da leitura ainda é muito falada. Sua prática ainda é pouca. As escolas precisam de condições materiais para realizar ações de leitura. Livros novos e com temas relevantes, salas de leitura, bibliotecas, formação de professores leitores, espaço e tempo para realizar as ações. A leitura precisa ser uma política do estado brasileiro, para assim, se tornar talvez, políticas de secretarias de educação e de escolas. Precisa estar no cotidiano da escola, com sentidos plurais e significativos para os leitores, para daí falarmos em construção de gosto e em hábitos de leitura. Antes disso, a tarefa é difícil.

Do ponto de vista da ciência, é preciso olhar a leitura de forma interdisciplinar, seja na teoria ou na prática. A leitura ao ser pensada a partir da Pedagogia considera que esta atividade é responsabilidade de todas as áreas do conhecimento e de todos que estão presentes na escola; a leitura pedagógica dialógica, como trazida neste trabalho, defende que a sala de aula precisa compreender a leitura como uma ferramenta pedagógica fundamental na formação do aluno crítico e para isso precisa de condições materiais urgentes. Os sentidos dos participantes das oficinas didáticas da leitura mostrados aqui refletem isso. Estudantes com livros, espaços e tempos podem criar e recriar sonhos, estando aí, suas oportunidades educativas, sociais e humanas. Tudo isso tem a ver com outras didáticas da leitura.

---

## REFERÊNCIAS

BAJARD, Elie. **Da escrita do texto à leitura**. São Paulo: Cortez, 2014.

LUZ, Lara Caroline Cardoso da. **Entrelaçando fios: possibilidades de Leitura Pedagógica na obra de Conceição Evaristo**. TCC (Graduação em Pedagogia) Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá, p. 60. 2023.

LIMA, Érica Silva. **Condições de Produção da leitura na escola básica: Um estudo em Marabá, Pa**. TCC (Graduação em Pedagogia) Faculdade de

Ciências da Educação, Universidade Federal do sul e Sudeste do Pará. Marabá, p. 56. 2023.

MOURA, Paulo Cezar Prazeres. **Criança, Literatura infantil e Sociedade**: in Infância, criança e literatura. Rondônia: Edufro, 2020.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: Uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2020.

TEIXEIRA JÚNIOR, Tiese. Leitura na fronteira: a experiência gente que lê na escola básica de Goianésia do Pará. **Revista diálogos interdisciplinares**. v.1, nº 8, p.113-128, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/10661> Acesso em: 30 de ago.2023.

---

---

Submissão em: 31 dez.2023

Aceite em: 04 mar. 2024

---

---

---

**Tiese Rodrigues Teixeira Júnior**, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Ribeirinho do interior do estado do Pará. Doutor em Ciência socioambiental (NAEA, UFPA). Professor Adjunto na Faculdade de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, região na qual, também, desenvolve ações de leitura e de escrita direcionadas à escola básica.

E-mail: [tiese@unifesspa.edu.br](mailto:tiese@unifesspa.edu.br)

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0300911597496565>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0121-8928>